

A chegada de uma estranha no mundo do ensino da língua

Regina Leite Garcia¹

Ser convidada a falar num Fórum de Estudos Lingüísticos, e mais, numa mesa que deveria discutir a Formação de Professores de Língua Portuguesa muito me fez pensar sobre o que dizer para quem está envolvido nesta formação, e que, portanto, sabe mais do que eu poderia pensar saber. Muito pouco ou quase nada, pensei eu. Poderia apenas trazer minha experiência de professora e pesquisadora, que lida com futuras professoras e professores que, freqüentemente chegam a nosso curso de pedagogia, suposto que para aprender, além das questões mais amplas da educação, questões específicas de como melhor ensinar para que as crianças melhor aprendam o que lhes é prometido ser ensinado e dever ser aprendido por elas na escola. Promessa mal cumprida, tanto que os assustadores índices de analfabetismo continuam teimando em não diminuir. E, quando oficialmente diminuem, a realidade do cotidiano dos falantes da língua desmente as otimistas estatísticas oficiais. Mais me assusta quando recebo alunos e alunas em cursos de mestrado ou de doutorado que, após uma longa escolaridade onde terão acumulado uma razoável bagagem de conhecimentos, apresentam sérias dificuldades no uso da língua na modalidade escrita, ignorando regras básicas do uso de sua língua materna – o português.

A pergunta que me volta sempre é – **como pode ensinar uma língua, quem dela não faz bom uso?**

Outra pergunta que tantas vezes me faço e que trago para discutirmos neste Fórum – **como pode ensinar o prazer da leitura quem ainda não descobriu o imenso prazer de ler?**

A estas perguntas, a realidade a cada dia nos diz que deveríamos estar construindo coletivamente estratégias de uso da linguagem escrita em nossos cursos de formação inicial e em todos os cursos dos quais participamos, sem assumir uma culpa que, definitivamente, não é nossa. Deslocar a culpa que desejam nos imputar é compreender e denunciar a sociedade perversa na qual vivemos e que exclui a maioria da população de toda a riqueza que esta mesma maioria contribui na construção. Como pode fazer “bom uso” da língua quem foi ensinado, quando foi, que soletrar é ler e copiar é escrever? E mais, que entra na **estatística de alfabetizado** quem é capaz apenas de escrever o seu próprio nome ... e nada mais. Como pode chegar a fazer bom uso da língua, descobrindo o prazer de ler, quem vive uma vida miserável para poder sobreviver, pois viver no sentido de vida plena, não chega a conhecer. Onde o dinheiro para comprar livros, tão caros no Brasil, única possibilidade de ler, numa sociedade em que as bibliotecas públicas são em número insignificante e, onde as há, não funcionam em horário que um trabalhador ou trabalhadora possa freqüentar? Como desenvolver o hábito de leitura quem não tem dinheiro sequer para comprar jornais? Como chegar a descobrir a beleza da poesia quem sequer jornais (leitura meramente informativa) pode ler, por não dispor de tempo para ler e de dinheiro para comprá-los ?

Tantas perguntas que nos fazemos e para as quais não vemos soluções a curto prazo, por se tratar de problemas estruturais, para cuja solução seria requerida uma revolução em seu sentido mais amplo.

¹ Professora Titular em Alfabetização na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense

Se assim é, vamos ao que nos parece possível, o que não nos libera de participar do movimento emancipatório que acontece na sociedade e que os poderosos tentam minimizar.

Talvez a minha contribuição para a discussão do que nos é possível realizar no âmbito de nossa ação específica de educadores e educadoras que somos, possa ser o que venho observando com um grupo de 15 pesquisadoras que, envolvidas há mais de 10 anos na pesquisa "Alfabetização dos alunos das classes populares",² tentam entender como se alfabetiza uma criança, especialmente as crianças das classes populares, que são estas as que fracassam na escola e, o que é pior, são estas crianças que mais necessitariam de uma boa escola da qual pudessem sair ao final da escolaridade possível para elas, potencializadas e não, subalternizadas, como vem acontecendo em nosso país.

Trago para vocês algumas histórias de escola que as tenho muitas e muito sugestivas, sempre nos obrigando a pensar sobre este imbroglho para o qual não temos conseguido chegar a um consenso.

Histórias de aprendizagem/desaprendizagem da língua

A primeira história que trago foi colhida na pesquisa de uma de nossas companheiras e que muito nos ensinaria se seguissemos a pista que a criança nos deu.

Estava a professora a dar aula, certa de que muito bem o fazia, quando uma das crianças, talvez mais ousada, se levanta e pede : Fala português, professora. A professora, até então, falava, falava, as crianças, em silêncio, ouviam, ouviam ... mas nada entendiam. Situação de embaraço para a professora e de alívio para as crianças. Situação de aprendizagem para a professora, sem dúvida, pois que mestre é aquele que, de repente, aprende.

A segunda história é decorrente da primeira.

Estava uma de nós fazendo uma palestra para professoras de ensino fundamental, quando, num determinado momento de nossa fala, se mostrou oportuno relatar a história do Fala português, professora. A fala da criança foi trazida, discutida ... e a palestra continuou. Ao final, palmas, abraços e a surpreendente fala de uma das professoras que se encontrava no auditório : Obrigada, muito obrigada, por falar português, professora.

Momento de grande alegria vivido por nossa companheira de pesquisa que, como qualquer mortal, precisa se gratificar com o resultado de seu trabalho, sem o que, pouco conseguimos realizar na sala de aula.

Esta foi mais uma situação de aprendizagem para quem vive o papel de quem ensina.

A outra história que trago, também colhida em nossa pesquisa, trata da mesma questão – a nossa dificuldade de entender as crianças das classes populares e a sua dificuldade de entender o que estamos falando quando tentamos lhes ensinar alguma coisa que nos parece de suma importância.

Estava a professora a tentar ensinar seus alunos e alunas a ler a partir do que pensava ser o melhor caminho. Pelo menos assim lhe tinha sido ensinado. A palavra-chave

² Pesquisa financiada pelo CNPq e pela FAPERJ

escrita no quadro-negro era boné. O boné é do nené. Após escrever a "frase" no quadro, pede a uma das meninas que leia a palavrinha que aponta – boné. A menina, muito orgulhosa de si mesma, se levanta e lê - b-o-bó, ne-e né – casquete. Como em filmagem cinematográfica, corte rápido. Sem o corte, como recuperar o fôlego deste fiasco pedagógico?

Outra história do mesmo tipo se deu no Maranhão. Estava eu dando um curso para professoras alfabetizadoras da rede pública e falava sobre os desencontros de linguagem que tanto acontecem na sala de aula, quando uma das alunas/professoras traz para o grupo a sua história de professora inexperiente.

Recém formada, a professora é mandada para uma escola do interior. Leva consigo suas anotações de aula, a cartilha apresentada como a melhor em seu curso de formação de professores e o manual para a professora. Assim munida do que lhe parecia necessário para melhor alfabetizar seus alunos e alunas, vai à primeira lição, depois da indefectível aula de vogais, que esta é um desastre nacional. O manual recomenda que escreva no quadro-negro – Vovô viu a uva, e que, em seguida, leia bem explicado, para as crianças.

Ao cumprimento à risca do recomendado pelo Manual da Professora, segue-se um silêncio embaraçado na sala de aula. De repente, o silêncio é rompido por um pestinha que se levanta e faz a pergunta temida pela professora – Tia, o que é uva?

A jovem e inexperiente professora para, pensa, e responde quase sussurrando – Uva é um trocinho redondinho igual a pitomba.

Pano tão rápido quanto o da história anterior ... As crianças daquela região jamais haviam visto uma uva, embora pitomba conhecessem muito bem. A nossa pergunta foi na época – por que uva, desconhecida das crianças e não, pitomba, parte de seu universo cultural? Mais um dos mistérios pedagógicos, parece.

E vamos a mais uma história, que será a última, pois não quero que pensem que, como Scherazade, estou tentando ganhar tempo para sobreviver ao medo de não saber o que dizer para quem sabe mais do que eu.

A professora de Língua Portuguesa no interior de Santa Catarina, na fronteira com o Paraná, muito zelosa da importância da aprendizagem da língua portuguesa, se aplica em ensinar os verbos em suas flexões. Seu culto do bom uso da língua, e a importância que dava à gramática, a faziam estremecer quando ouvia os ponhô, os houveru, os escrevinhei, os sabi e que tais. O processo de ensinar e de aprender durou alguns meses. Quando acreditou terem todos aprendido a recitar o verbo pôr, resolveu fazer uma festa e convidar os pais e mães para que assistissem ao resultado de seu empenho e do esforço das crianças. Festa merecida, pensava ela orgulhosa.

No dia da festa, o aluno escolhido foi chamado à frente e convidado a recitar o verbo pôr no pretérito perfeito. Perfeito. Aplausos. Ao final da festinha, cada boletim de aproveitamento foi entregue a cada criança. E eis que o menino que tanto brilhara em seu recitativo do verbo pôr, sai correndo na direção de seus pais e grita feliz para a mãe - Manhê, a tia ponhô dez no meu boletinho!

Tanto esforço para tão pouco!

E eu pergunto, de que valeu tanto tempo perdido para ensinar o que nenhum sentido tinha para as crianças, e mais, venceu o uso da língua, e não, a língua dos gramáticos.